

# "NÍVEIS DE COMUNICAÇÃO E NÍVEIS DE INTERPRETAÇÃO NA PSICOTERAPIA ANALÍTICA DE GRUPO"

Antônios TÉRZIS\*

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo estudar os níveis de comunicação e níveis de interpretação. Os respectivos níveis, foram investigados num grupo de psicoterapia analítica.

## 1. INTRODUÇÃO

O vínculo da comunicação é dos mais importantes na constituição da relação grupanalítica. É claro que essa relação não se esgota na fala, seria ingênuo apresentá-la simplesmente como uma conversa entre os membros de um grupo terapêutico. Mas seria também uma distorção conceber um processo grupanalítico que não privilegiasse a comunicação.

Em psicoterapia analítica de grupo, e mesmo em outras modalidades de psicoterapia, chama a atenção a riqueza da comunicação verbal ou não-verbal. Por definição, psicoterapia é qualquer forma de tratamento (cura) pela fala (RYCROFT, 1968), e justamente por isto, a comunicação é o instrumento fundamental no emprego deste método. As comunicações no grupo, embora interpessoais, são ouvidas e por consequência compartilhadas por todos (DE MARÉ, 1974).

Num grupo de psicoterapia, observa-se que os pacientes procuram comunicar ou partilhar os seus sentimentos, con-

(\*) Profº da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUCCAMP, autor com experiência em trabalho de grupo.

flitos, situações de emergência, etc. Estes níveis de comunicação, ou os seus conteúdos, podem eventualmente tornar-se objeto de trocas verbais, diálogo aberto, sugestão, aconselhamento, orientação, encorajamento, reflexão sobre alternativas ou propósitos terapêuticos directivos (CORTESÃO, 1971). Mas o que está se passando? O que os membros do grupo querem com isso? O que há de característico nessa comunicação?

Ao longo do processo grupanalítico percebe-se que o grupo se serve da palavra e da comunicação para representar-se a si mesmo, tal como julga que é, tal como quer ver-se, tal como chama o outro a confirmar.

Como dissemos, a comunicação é desenvolvida através de cadeias de comunicação interpessoal, denominada por FOULKS e ANTHONY (1967) "associação de grupo". Isto implica que a discussão no grupo não deverá ser discussão no sentido comum da palavra, mas algo já referido como "livre discussão circulante". Trata-se do equivalente grupo-analítico para o que se conhece como "livre associação" na psicanálise. RIBEIRO (1981) escreve que a "associação livre de idéias" se manifesta com "livre discussão flutuante", operando dentro de um campo total de interações, ou seja, a "matriz grupal".

Claro que numa Psicoterapia analítica de grupo estes níveis de comunicação serão acessíveis à Interpretação, que vai desempenhar um papel especificador na comunicação dentro da matriz grupanalítica. Estas comunicações podem ser vistas de diversos ângulos. Como guia de significados das inúmeras transformações da experiência emocional, que vai contribuir para o insight do psicoterapeuta e para a construção da interpretação (MELLO FRANCO FILHO, 1983). Interpretar, na sua essência, é traduzir para novas e mais elaboradas texturas o valor facial e o conteúdo manifesto daquilo que é expresso através de idéias, cadeias de pensamentos e comunicações verbais e não-verbais. Porém, o grupanalista com sua atenção flutuante escutará o discurso do grupo não só no seu conteúdo, mas no que surge através da sua ruptura.

Segundo CÃES (1977) o grupanalista, para que interprete adequadamente, precisa perceber as comunicações do grupo como um todo, e focalizar a sua atenção e sua interpretação sobre o relacionamento entre o "aqui e agora" e o passado do paciente.

Já percebemos que a comunicação é necessária para que possa ocorrer qualquer tratamento e que ela se encontra estreitamente ligada ao próprio processo terapêutico.

Uma vez que se considerou importante o processo de comunicação, neste trabalho, estudaremos os níveis de comunicação e seus conteúdos. Nosso objetivo específico é apenas descrever e investigar os níveis de: experiência subjetiva individual; experiência múltipla; comunicação associativa; interpretação (genética-evolutiva, de significação, e de criatividade) e finalmente, a interpretação transferencial. Os respectivos níveis serão investigados num grupo de psicoterapia analítica.

Trata-se de um estudo sobre os níveis de comunicação no processo grupanalítico, que CORTESÃO (1971) denomina: "níveis de experiência" e de "interpretação" (tab. 1).

### **TABELA 1 – NÍVEIS DE EXPERIÊNCIA E DE INTERPRETAÇÃO**

1. Experiência subjetiva individual
2. Experiência subjetiva múltipla
3. Comunicação associativa
4. Interpretação genético-evolutiva
5. Interpretação de significação
6. Interpretação de criatividade
7. Interpretação na transferência

## **2. MATERIAL E MÉTODO**

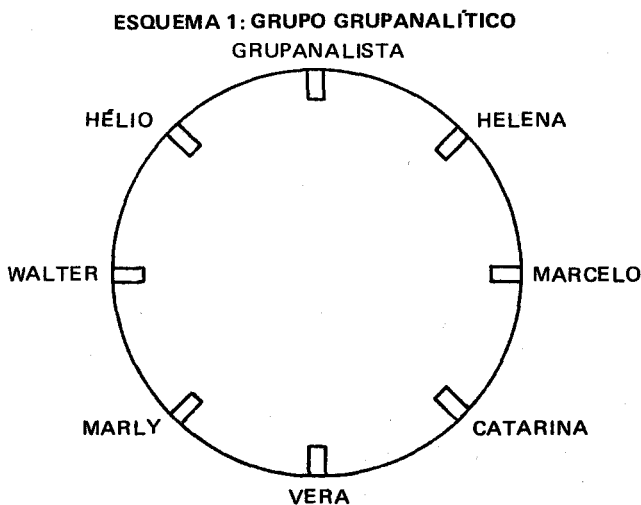
O material utilizado é uma sessão de psicoterapia analítica de grupo, com sete pacientes (três do sexo masculino e quatro do sexo feminino). Designaremos os pacientes pelos nomes: Helena, Marcelo, Catarina, Vera, Marly, Walter e Hélio (esquema 1). O grupo se reúne duas vezes por semana.

Optamos pelo método psicanalítico aplicado no grupo, que em nossa perspectiva atual, deve ter como objetivo central permitir o processo terapêutico. Este último implica uma experiência de transformação interior que pode ser englobada por várias definições; uma das mais gerais poderia se fazer o

“inconsciente” “consciente”. O instrumento central do processo terapêutico dentro do método psicanalítico constitui a interpretação.

A estratégia do Terapeuta seria conseguir, no decorrer da sessão, interpretar as comunicações transmitidas na matriz grupal, tornando explícito aquilo que estava implícito.

## RESULTADOS E COMENTÁRIOS



Após cerca de um ano de tratamento, o terapeuta teve, pela primeira vez, necessidade de tirar férias. Durante a iniciação do tratamento, o grupo havia sido avisado de que na segunda quinzena de julho o terapeuta teria que tirar férias por 20 dias. A última sessão antes das férias do terapeuta: — Os pacientes entram na sala de atendimento onde se realiza a sessão e iniciam da seguinte forma:

**MARLY:** Trabalha como secretária numa empresa, 26 anos, noiva, veio à consulta apresentando sintomas de reações fóbicas. Está em Psicoterapia Analítica de grupo há sete meses. A paciente comenta que o seu noivo tem que ir dentro de alguns dias ao Rio de Janeiro, por causa de um Projeto de Pesquisa. Por um lado, diz que racionalmente ela compreende a necessidade objetiva desta viagem, por outro lado está preocupada e ansiosa com a idéia de ficar só. Reconhece que ele (o noivo) é um bom companheiro e sexualmente muito ativo e agradável, gosta mes-

mo dele, mas tem medo de ser abandonada e ter insucesso no noivado. Ainda relata um sonho em que estava numa região onde a água faltava; parecia um lugar solitário, só tinha dois montes, e a paciente sentia muita sede, a sua boca estava seca (Nível de Experiência Subjetiva Individual).

**COMENTÁRIO:** Em suma, pode-se dizer que o nível de experiência subjetiva individual ocorre quando a paciente relata eventos da sua vida atual ou passada ou ainda, o conteúdo manifesto de um sonho.

A seguir, os outros pacientes encaminham-se nessa cadeia de pensamentos e dizem:

**MARCELO:** Engenheiro, 30 anos, solteiro, veio à consulta com motivação de inibições sociais e timidez. O paciente comenta que a propósito da separação tem se sentido mais angustiado e está com insônias desde que tomou a decisão de comunicar aos pais que programara viajar para a França, para fazer o curso de Pós-Graduação, adquirir conhecimento e voltar depois mais atualizado e seguro. Também tive um sonho, que estava dentro de um hiper-mercado fazendo compras. Comprou, comprou sem parar, quanto mais comprava alimentos e roupas, ficava mais ansioso (Nível de Experiência Múltipla).

**WALTER:** Mecânico de automóveis, 29 anos, solteiro, com crises de ansiedade aguda, há cinco meses faz grupanálise. O paciente mostra-se ansioso por causa da situação política e econômica do país, não sabe o que vai acontecer com as novas medidas do governo federal. Ainda anda com idéia de ir para os Estados Unidos, mas que ao mesmo tempo tem medo de se sentir só ou de não se adaptar (Nível de Experiência Múltipla).

**COMENTÁRIO:** O conhecimento imediato da realidade subjetiva de Marly, desencadeia o conhecimento imediato da realidade subjetiva de outros pacientes do grupo (Marcelo e Walter). O grupo está comunicando um nível de experiência subjetiva múltipla. E esses níveis de Experiência Subjetiva Individual e Experiência Subjetiva Múltipla, permitiram um nível de COMUNICAÇÃO ASSOCIATIVA no grupo.

**CATARINA:** Professora de nível secundário, 35 anos, casada, com crises depressivas. Está há nove meses em tratamento. Pergunta a Marly: Por que você não aproveita a ocasião para viajar com o seu noivo? O Rio de Janeiro é uma

cidade linda. Se estivesse no lugar de Marly, faria isso (Nível de Comunicação Associativa).

**HÉLIO:** Estudante universitário, 23 anos, solteiro, farmacodependente, há quatro meses em grupanálise.

Menciona a Marcelo a dependência que esse tem em relação aos pais, sobretudo à mãe, e que por isso, segundo Hélio, o Marcelo tem adiado sucessivamente a viagem para a França, deixando a oportunidade de realizar um curso a nível de pós-graduação no exterior. Hélio volta a insistir que a viagem representa uma atitude de independência e de autonomia e que se torna necessário e vantajoso cortar o cordão umbilical (Nível de Comunicação Associativa).

**VERA:** Funcionária estadual, 35 anos, casada, apresenta traços sadomasoquistas. Está em grupanálise há um ano. A paciente comenta que o fato de Walter pensar em fugir para os Estados Unidos é uma atitude de covardia, que está de acordo com a personalidade oportunista de Walter (Comunicação Associativa).

**COMENTÁRIOS:** Observa-se que os níveis de experiência subjetiva individual e múltipla, permitiram um nível de comunicação associativa na qual os pacientes do grupo interrogam-se mutuamente, oferecem sugestões ou estabelecem contrastes. Ainda estes níveis podem eventualmente tornar-se objeto de interpretação.

**HÉLIO:** Entende que Marly está revivendo (através da viagem do noivo ao Rio de Janeiro) aquela situação de abandono e de medo que tem referido várias vezes na sua análise. Não tenho dúvida de que aquela memória das cenas de separação dos pais mantém na vida de Marly, uma influência terrível (Nível de Interpretação Genético-Evolutiva).

**MARLY:** Suspira, balança a cabeça.

**HELENA:** Curso de Letras, 25 anos, solteira, com crises depressivas. A paciente interpreta que o fato de Walter ter tido sempre a tendência a reagir pela fuga, pensa que com estas atitudes de querer fugir, o Walter revivencia os seus problemas que passou durante a infância com seus pais e recorda que o Walter comentou uma vez no grupo dizendo que quando seu pai ficava embriagado, fazia cenas violentas agredindo fisicamente

os filhos e o Walter fugia para evitar os castigos do pai (Nível de Interpretação Genético-Evolutiva).

**WALTER:** Confessa que tudo isso lhe diz muito e recorda conflitos semelhantes.

**COMENTÁRIO:** Observa-se que a interpretação oferecida por um paciente do grupo ao próprio grupo, ou a outro membro do grupo é geralmente encarada como uma interpretação causal, uma vez que explica os eventos, sintomas atuais, em termos de experiências antecedentes do paciente. Porém, a Interpretação Genético-Evolutiva, situa-se no território da causalidade.

Ainda, as interpretações oferecidas por um paciente a outro paciente do grupo ou ao próprio grupo, tentam ser Interpretações de Significação e de Criatividade.

**MARLY:** Associa que nesse momento a separação do grupo por causa das férias é sentida com muita preocupação e medo. Até tem a impressão de que o grupo está vivenciando a separação do terapeuta da mesma forma que foi experimentada no passado com os pais (Nível de Interpretação de Significação).

**CATARINA:** Com um sorriso aberto e afetuoso, comenta que durante o período de férias, os próprios membros do grupo se separam uns dos outros. Essa separação pode contribuir para o crescimento de cada um de nós (Nível de Interpretação de Significação).

**HÉLIO:** Diz que o grupo tem capacidade de alcançar soluções inovadoras e criativas (Nível de Interpretação de Criatividade).

Todos estes conteúdos e formulações foram manejados pelo terapeuta no nível de Interpretação na transferência.

**TERAPEUTA:** Tenho a impressão de que a nossa separação está sendo vivida aqui e agora com muita preocupação bem como com ansiedade, tristeza, sentimento de abandono e de medo, e até de hostilidade, que parecem derivados dessa separação.

Finalizando, agora parece mais claro que o fato do terapeuta se separar do grupo durante o período de férias, contribui para desencadear e reviver — o grupo — afetos profundos e perturbadores e que foram expressos por conteúdos como:

- a) separação do noivo;
- b) separação dos pais;
- c) separação do país.

Assim, a interpretação na transferência, tecnicamente caracteriza-se por:

1. começa a abrir caminho na elaboração terapêutica, para outras interpretações transferenciais;

2. promove a indução do padrão grupalítico na matriz grupalítica;

3. mobiliza os níveis consciente e inconsciente da comunicação verbal, e não-verbal, bem como o nível estrutural do conflito entre o Id, o Ego e o Superego, e ainda, as relações de objeto precoces, tal como se reeditam, e se reproduzem aqui e agora na neurose de transferência grupal.

## CONCLUSÕES

Consideramos todas as comunicações como relevantes. Levamos igualmente em consideração todas as demais respostas e reações, promovendo-as ao nível de comunicações.

Observamos que numa matriz grupalítica, os pacientes procuram comunicar ou partilhar os seus sentimentos, conflitos ou fantasias. Este processo de comunicação foi denominado como níveis de experiência.

Verificamos que estes níveis de experiência, conforme foram investigados no material clínico, são acessíveis à interpretação.

Finalmente verificamos a relevância dos níveis de interpretação (genético-evolutiva, de significação e de criatividade) para a interpretação transferencial e para a elaboração terapêutica.

## SUMMARY

*The presente work had for objective to study the evels of interpretation and communication in a psychoanalytical therapy group.*



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- RYCROFT, C. "Dicionário Crítico de Psicanálise".** Trad. Jayme Salomão, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1968, (p. 198).
- CORTESÃO, E. L. — On Interpretation in Graupanalysis.** *Group Analysis*, 4:2-10, 1971.
- DE MARÉ, P. B. — Perspectivas em Psicoterapia de Grupo.** Trad. Reynaldo Bairão, Edit. Imago, Rio de Janeiro, 1974.
- FOULKES, S. H. e ANTHONY, E. J. — Psicoterapia de Grupo.** Trad. Roberto Pontual, Edit. B. U. P., Rio de Janeiro, 1967.
- MELLO FRANCO FILHO, O. A. — A construção de Interpretação e a Transferência verbal do Analista.** *Rev. Bras. Psicanl.* 17: 429, 1983.
- CAES, R. — El aparato Psiquico Grupal Construcciones de Grupo.** Trad. Hugo Acevedo, Edit. Granica, Barcelona 1977.